



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 13, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 13 - EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS. ESTUDOS DA LINGUAGEM.

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.13.27>

Recebido em: **17/08/2020**

Aprovado em: **18/08/2020**

CARTAZES DE GUERRA: A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E O TRABALHO COM FONTES EM SALA DE AULA; WAR POSTERS: THE FIRST WORLD WAR AND WORK WITH SOURCES IN THE CLASSROOM; CARTELES DE GUERRA: LA PRIMERA GUERRA MUNDIAL Y TRABAJO CON FUENTES EN EL AULA.

LORENA DE OLIVEIRA SOUZA CAMPELLO

<https://orcid.org/0000-0002-1176-6760>

LILIA DOS SANTOS

A propaganda foi largamente usada pelos países envolvidos na Primeira Guerra Mundial e incluía cartazes, cinema, fotografia, rádio, revistas, jornais, literatura, dentre outras formas de comunicação. Fonte histórica escolhida para discutir o tema Primeira Guerra Mundial, o cartaz foi amplamente utilizado como instrumento de propaganda militar no período. O artigo em questão tem como objetivo apresentar e discutir experiência didática, realizada com cartazes produzidos durante a Primeira Guerra Mundial, desenvolvida e vivenciada em sala de aula, com/pelos alunos do 3º ano do ensino médio integrado, do Instituto Federal de Sergipe - Campus Estância. A experiência é fruto dos resultados do projeto de pesquisa “Uso de fontes históricas em sala de aula e protagonismo discente na construção do conhecimento histórico”.

Palavras-chave: Ensino de História, Metodologia ativa, Fontes históricas, Primeira Guerra Mundial, Cartazes

The propaganda was widely used by countries involved in the First World War and included posters, cinema, photography, radio, magazines, newspapers, literature, among other forms of communication. Historical source chosen to discuss the theme of World War I, the poster was widely used as an instrument of military propaganda in the period. The article in question aims to present and discuss didactic experience, carried out with posters produced during the First World War, developed and lived in the classroom, with / by students of the 3rd year of integrated high school, from the Federal Institute of Sergipe - Campus Estância. The experience is the result of the results of the research project “Use of historical sources in the classroom and student participation in the construction of historical knowledge”.

Key words: History teaching, Active methodology, Historical sources, First World War, Posters

La publicidad fue ampliamente utilizada por los países involucrados en la Primera Guerra Mundial e incluyó carteles, cine, fotografía, radio, revistas, periódicos, literatura, entre otras formas de comunicación. Fuente histórica elegida para discutir el tema de la Primera Guerra Mundial, el cartel fue ampliamente utilizado como un instrumento de propaganda militar en el período. El artículo en cuestión tiene como objetivo presentar y debatir la experiencia didáctica, realizada con carteles producidos durante la Primera Guerra Mundial, desarrollados y vividos en el aula, con / por estudiantes del tercer año de la escuela secundaria integrada, del Instituto Federal de Sergipe - Campus Estância. La experiencia es la consecuencia de los resultados del proyecto de investigación "Uso de fuentes históricas en el aula y participación de los estudiantes en la construcción del conocimiento histórico".

Palabras clave: Enseñanza de Historia, Metodología activa, Fuentes históricas, Primera Guerra Mundial, Carteles.

Introdução

O artigo em questão tem como objetivo apresentar e discutir experiência didática, realizada com cartazes produzidos durante a Primeira Guerra Mundial, desenvolvida e vivenciada em sala de aula, com/pelos alunos do 3º ano do ensino médio integrado[i], do Instituto Federal de Sergipe - Campus Estância. A experiência é fruto dos resultados do projeto de pesquisa “Uso de fontes históricas em sala de aula e protagonismo discente na construção do conhecimento histórico”[ii].

O projeto citado tem como objetivo desenvolver e aplicar metodologia de ensino/aprendizagem, além de técnicas e métodos de pesquisa usados na investigação histórica, fazendo uso de vestígios da atividade humana (documentos oficiais, cartas, fotografias, diários, agendas, pinturas, filmes, documentários, cartazes, charges, música, dentre outros) para o entendimento e a construção do conhecimento histórico sobre determinado tema/assunto abordado em sala de aula.

Do contato com fontes produzidas nos períodos e momentos históricos estudados, os discentes acessam, materialmente, parte desse passado e, a partir do uso desses documentos, transformam-se em protagonistas da história e de sua própria vida. Desse modo, atuam de forma proativa, reflexiva e crítica, desenvolvendo assim uma atitude científica e filosófica.

O contato com tais fontes históricas é mediado pelo professor orientador, que aplica técnicas e metodologias de pesquisa distintas, além do próprio fluxo criativo do processo, no trato com as fontes históricas trabalhadas. Dessa forma, buscamos inovar o ensino da disciplina de História, estimulando a pesquisa-ação e o desenvolvimento de novas metodologias.

Disponibilizamos, por meio de site e Instagram[iii], os resultados dos nossos laboratórios para professores da rede federal de ensino e de outras esferas do ensino (básico, tecnológico e superior). A ideia é criar uma rede de compartilhamento de informações e experiências entre docentes e instituições de ensino. O trabalho apresentado neste artigo, portanto, trata-se da nossa primeira experiência nomeada como “Laboratórios de História - LabHist”.

Iniciaremos a discussão apresentando o contexto histórico da Primeira Guerra Mundial e a propaganda de guerra feita a partir da produção de cartazes, assim como explanação sobre o cartaz como documento de arquivo e fonte histórica, sob a perspectiva da Arquivologia e da História, exibindo o documento em questão como fonte importante para o conhecimento histórico. Num segundo momento, apresentaremos metodologia de ensino-aprendizagem aplicada, bem como orientação para uma eficaz abordagem histórica e documental da fonte trabalhada no laboratório. Os resultados obtidos durante o laboratório e as considerações finais serão abordados no final do artigo.

Contexto histórico e Documento

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

A Primeira Guerra Mundial não eclodiu devido somente a um ou dois fatores próximos ao conflito. Ledo engano. Foi uma junção de comportamentos e ações interligados, como uma teia fortemente constituída, tomados no período da *Belle Époque*[iv] europeia e que levou o mundo ao primeiro conflito de escala mundial do planeta.

A serena e delicada superfície do final do século XIX e início do século XX, conhecida como a *Belle Époque*, escondia inúmeras tensões políticas, sociais, econômicas, morais e culturais advindas de um período de frenético desenvolvimento industrial. Época em que crescia intenso desrespeito étnicos e culturais a inúmeros povos, ignorados pelo processo de industrialização, advindos da ocupação indiscriminada e agressiva de territórios “necessários” para a manutenção do estilo de vida de uma nata da sociedade mundial, a qual, ao mesmo tempo em que se beneficiava do desenvolvimento

científico, tecnológico e industrial do momento, delegava à maioria da população mundial a condição de trabalhadores rurais, urbanos e da mineração, fortemente explorados e mal remunerados.

Dentre os inúmeros antecedentes que, de forma orquestral, possibilitaram a eclosão dessa primeira grande “guerra total”, estiveram presentes a potencialização e alterações que as máquinas provocaram nas relações de produção, de trabalho, nas comunicações e nos transportes, impondo um grande abismo entre grupos sociais: novas bandeiras ideológicas levantadas e defendidas como resposta ao excesso de exploração da classe trabalhadora, pela burguesia enriquecida; conflitos imperialistas entre as grandes potências econômicas do período (Inglaterra, França e Alemanha), disputando territórios, matéria-prima, mão de obra barata e mercado consumidor; desrespeito a povos, que tiveram seus territórios divididos e suas nacionalidades maculadas; tensões políticas e étnicas antigas entre países representantes dos povos germânicos (Alemanha e Império Austro-húngaro) e povos eslavos (Sérvios e Russos); ressentimentos devido a resultados de guerras perdidas e cessão de territórios, como o caso da França com o revanchismo antigermânico; desintegração do Império Turco-Otomano, com a conquista e concessão de independência a territórios anexados ao império, a exemplo da Grécia, Sérvia, Bulgária, Romênia, dentre outros.

Com relação a esse último antecedente, tão pouco explorado nas discussões sobre o tema, Luiz Cesar B. Rodrigues (1988, p. 26) reforça que “os turcos se viram despojados das suas possessões no continente europeu (...) renunciando dificuldades ainda maiores para o pan-islamismo otomano.”

De acordo com o historiador Eric Hobsbawm (1994), entre 1815 e 1914, nenhuma grande potência havia combatido fora de sua região imediata. A Primeira Guerra Mundial, eclodida em 1914 _ com o assassinato de Francisco Ferdinando, príncipe herdeiro do Império Austro-húngaro _, envolveu todas as grandes potências mundiais, sendo suas tropas enviadas a combater fora de sua região. (HOBSBAWM, 1994).

Rodrigues (1988) contribui para a discussão, refletindo e apontando características importantes da Primeira Guerra Mundial. Para o autor, o conflito foi “total”, afetando não somente combatentes, mas também habitantes dos campos e das cidades. A guerra foi “mundial”, pois levou aos campos de batalha homens de várias nacionalidades: ingleses, canadenses, norte-americanos, franceses, russos, alemães, palestinos, dentre tantas outras. E, tratou-se de uma guerra “moderna”, “ao colocar lado a lado, ou até mesmo em campos opostos, povos de importância desigual, tais como franceses e argelinos, turcos e armênios (...)”, trazendo um “formidável e imbatível desejo de liberdade.” (RODRIGUES, 1988, p. 28).

A Primeira Guerra começou como um conflito essencialmente europeu, envolvendo de um lado o Bloco dos Aliados, reunindo França, Grã-Bretanha, Rússia e Sérvia, e aproximando posteriormente a Itália, além de países de outros continentes como Japão e EUA. Do lado oposto do combate, o Bloco dos Impérios Centrais, agrupando a Alemanha e Áustria-Hungria, envolvendo a Bulgária e o Império Turco-Otomano no conflito. Fato é que, segundo o estudioso Luiz Alberto Moniz Bandeira (2006), nenhum país, de forma isolada, poderia ser responsabilizado pela guerra, pois, como já apresentamos acima, diversos e complexos fatores concorreram para sua deflagração.

Dentro de todo esse contexto bélico, nacionalista e ideológico, a propaganda foi largamente usada pelos países envolvidos e incluía cartazes, cinema, fotografia, rádio, revistas, jornais, literatura, dentre outras formas de comunicação. Fonte histórica escolhida para desenvolver nosso laboratório de História, o cartaz foi amplamente utilizado como instrumento de propaganda militar no período. Os governos de todas as nações envolvidas usaram e abusaram dos cartazes de propaganda para engajar a população civil, seja para estimular doações em dinheiro e economia de comida, ou para despertar o patriotismo, incentivando o alistamento dos homens no exército.

O século XX, que nas suas primeiras décadas viu no cartaz uma das suas armas publicitárias mais populares e eficazes, estenderia o uso massivo deste suporte na propaganda de guerra. O cartaz foi utilizado de forma exaustiva pelos governos como um dos principais instrumentos ideológicos em

conflitos armados. (BERTULUCCE, 2010, p. 322).

Os cartazes eram largamente produzidos, principalmente devido às novas técnicas de impressão e reprodução relacionadas à tipografia no período. Segundo Livia Lazzaro Rezende (2005), os anos entre 1850 e 1890 demarcam um período no qual já havia a mecanização dos impressos visuais e em que a maioria das imagens criadas vinha da tradição do desenho e era impressa em litografia a vapor, sendo veiculados desenho e letras numa mesma peça.

O século XX trouxe grandes avanços no processo de produção dessas peças, os quais possibilitavam a confecção, uso e presença de cartazes nos mais diversos lugares do cotidiano da sociedade do início do século.

Jesus de Andrés Sanz (2010), no prólogo do *Atlas ilustrado de Carteles de la Guerra Civil Española*, afirma que a publicidade comercial e a propaganda política fizeram uso do cartaz como meio de difusão de suas mensagens e, no início do século XX, tais peças já tinham um protagonismo indiscutível. De acordo com SANZ (2010), a Primeira Guerra Mundial e os acontecimentos ligados a ela deram ao *cartelismo* um impulso enorme com a industrialização da produção e a profissionalização das técnicas de comunicação.

Historiadora da imagem, da arte e da cultura, Vanessa Beatriz Bertolucce afirma que

devido aos inúmeros interesses das nações beligerantes, o cartaz foi, pela primeira vez, a partir de 1914, utilizado em uma escala até então jamais vista. As nações envolvidas exploraram todas as capacidades do veículo, de forma planejada e metódica, rigorosamente calculada (...). (BERTULUCCE, 2010, p. 323).

A disputa pela atenção e adesão aos apelos propagandísticos foi intensa durante a guerra. Imagens e textos foram meticulosamente pensados e planejados para conquistar e abocanhar corações e mentes de homens ou mulheres, civis ou militares. Seguindo ainda a análise feita por BERTULUCCE (2010, p. 323),

o cartaz de propaganda de guerra não estava presente nas ruas, nos postes, nos muros e nos estabelecimentos públicos como uma mera ilustração do conflito – seu potencial de visibilidade, de construir e ao mesmo tempo interferir no espaço e de transmitir de uma mensagem de forma quase instantânea configuram-no como um dos meios de comunicação mais eficientes em situações beligerantes.

Passemos para uma breve reflexão sobre tais fontes históricas como documento de arquivo e histórico, adentrando em suas contribuições para a produção do conhecimento histórico.

Cartazes como fontes para o conhecimento histórico

Como discutido no item anterior, os cartazes tiveram papel fundamental durante o primeiro conflito mundial, ao possibilitarem a divulgação e assimilação rápida de comandos emitidos pela esfera pública e privada, para os cidadãos dos países envolvidos na guerra. Comandos que variaram entre o estímulo ao alistamento militar, a orientação de economia de alimentos para os que ficaram fora da zona de combate, o incentivo à compra de dívidas de guerra para os pais de família que não estavam em combate, a divulgação de produtos consumidos pelos exercícios, dentre outros.

Diante da importância dessas peças de comunicação social, é de suma importância inserir tais fontes históricas dentro do rol de documentos trabalhados pelo projeto “Uso de fontes históricas em sala de aula e protagonismo discente na construção do conhecimento histórico”. Dessa forma, o tema de estudo “Primeira Guerra Mundial” se encaixa perfeitamente à fonte, pela larga produção dessas publicações durante o conflito.

Para tanto, antes mesmo de apresentar os resultados do laboratório, é imprescindível discutir o que vem a ser tal documento, sua definição e funções sob o olhar da arquivologia. Devemos também discutir a importância de tais fontes históricas da sociedade do início do século XX, para o conhecimento histórico, situando historicamente tais publicações e suas relações com a sociedade. Os cartazes, sem sombra de dúvidas, auxiliaram na coesão interna de uma nação, mas também na rejeição e naturalização de características negativas de nações rivais. É sobre isso que iremos explicar a seguir.

Então, o que vem a ser um cartaz? *Plakat, cartel, affiche, poster e manifesto* são os nomes dados, respectivamente, aos cartazes em países de língua alemã, espanhola, francesa, inglesa e italiana, segundo o Dicionário de terminologia arquivística (2005). Cartazes, conforme o mesmo dicionário especializado, são o “documento elaborado para informação ou publicidade, quase sempre impresso de um só lado do suporte, frequentemente ilustrado, e que se destina a ser afixado.” (Dicionário de terminologia arquivística, 2005, p. 44).

Já de acordo com o Dicionário de terminologia arquivística, da Associação dos Arquivistas de São Paulo, organizado pelas professoras Ana Maria Camargo e Heloísa Bellotto (2010, p.29), cartaz é um “formato que corresponde à folha impressa de um só lado, geralmente de tamanho grande, própria para afixação em local público e destinado à divulgação ou propaganda.” Nota-se que a última definição acrescenta o uso, função e destino do documento.

É importante chamar atenção para o fato de que o cartaz é um formato, ou seja, originalmente está ligado ao conjunto das características físicas de apresentação, das técnicas de registro e da estrutura da informação e do conteúdo de um documento. Contudo, na arquivologia[v], adota-se o termo cartaz não somente para formato, mas também como espécie documental[vi].

Apesar dos distintos nomes utilizados em diversos países, o documento cumpre a mesma função em todos eles: a de comunicar e publicitar uma mensagem direcionada ao público geral. No entanto, cartazes, normalmente, possuem um público-alvo e objetivo de circulação específicos. Portanto, os usos, funções e circulação desses documentos devem ser levados em conta no momento de qualquer análise histórica (pesquisa e crítica histórica).

O importante aqui é frisar que, a despeito das discussões conceituais que a disciplina Arquivística traz à baila, os cartazes podem ser transformados em fontes históricas a partir do momento em que o historiador se apropria desse vestígio como forma de acessar e estudar o passado, construindo assim um conhecimento histórico.

A História, indiscutivelmente, se faz com documentos, independentemente do gênero documental e suporte. Toda sociedade produz documentos para embasar suas ações, funções e atividades diárias. Como já mencionado, é o historiador quem transforma o status de qualquer manifestação humana em fonte para a pesquisa histórica, a depender dos questionamentos que faz e das necessidades do uso de determinada manifestação e informação registradas em qualquer suporte. Desse modo, a própria produção de documentos está vinculada à história do desenvolvimento de tecnologias e o uso de determinadas fontes para a produção do conhecimento histórico também possui sua História.

No que se refere ao campo da História, o século XX, de acordo com o historiador José D’assunção Barros (2019), imprimiu uma grande complexidade no fazer historiográfico (escrita da História), somado à especialização do conhecimento científico, nas várias esferas do conhecimento, que fez com que os historiadores refletissem cada vez mais sobre seu campo de estudo. Para Barros, esse enorme espaço de saberes historiográficos foi sendo gerado pela “expansão da noção de “fonte histórica”, pela multiplicação dos interesses temáticos dos historiadores, pela proliferação de diálogos interdisciplinares, pelo acúmulo de novas metodologias e aportes teóricos (...).” (BARROS, 2019, p. 194).

Em vista das transformações pelas quais passou a História, como disciplina e historiografia, não seria

incomum pensar numa transformação da atuação do professor de História na sala de aula, nas mudanças da relação docente-discente e na forma de se trabalhar a disciplina História. Assim sendo, o uso e o trabalho, com as mais diversas fontes históricas, devem representar o ponto de partida para a superação do ensino tradicional. Portanto,

“Fonte histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente. As fontes históricas são as marcas da história. (...) Esse imenso conjunto de vestígios (...) constitui o universo de possibilidades de onde os historiadores irão constituir suas fontes históricas. (BARROS, 2019, p. 15).

O uso das fontes para o ensino de História trouxe uma discussão interessante para a área da Educação. Trata-se, segundo Nilton Pereira e Fernando Seffner (2008), de inserir o movimento da crítica ao documento e usar as fontes utilizadas pelos historiadores no dia a dia da prática do ensino-aprendizagem escolar.

Nesse sentido, com relação à fonte histórica abordada e trabalhada no laboratório apresentado, é necessário salientar que o controle dos meios técnicos de produção cultural permitia que a disseminação de normas, atitudes e representações fossem disseminadas no conjunto de dada sociedade. Portanto, buscar os possíveis efeitos e o alcance da veiculação desses cartazes no interior da sociedade é tarefa do pesquisador. Assim, devemos estimular alguns questionamentos em nossos alunos quando trabalhamos com cartazes como fonte de acesso ao passado. O ponto essencial aqui seria a historicidade dos cartazes.

Quais os possíveis usos e funções que dele fizeram as sociedades ou determinados segmentos sociais? Quais as mobilizações estéticas, culturais, afetivas, cognitivas e emocionais exploradas através desses cartazes? É justamente nesses usos que jazem seus significados mais profundos. Para além dos usos e funções, temos de levar em conta a historicidade da produção e da circulação desses cartazes e seus conteúdos imagéticos e textuais. A produção direcionada a determinado público-alvo desfechava a circulação dessas peças publicitárias, em espaços e lugares específicos, a depender do grupo social para o qual a mensagem fosse direcionada.

Metodologia de ensino-aprendizagem aplicada

O laboratório de História, apresentado nesse artigo, teve início com a sensibilização e problematização do tema “Primeira Guerra Mundial”, por meio da análise coletiva e construtiva de duas importantes fontes: um cartaz, produzido por um setor do governo dos Estados Unidos da América (EUA) durante a guerra e uma carta, escrita por um soldado inglês, cujo contexto de produção foi a Guerra de Trincheiras (1915-1918). Esse primeiro momento nos permitiu mergulhar propriamente no tema abordado, fazendo uso de mapas políticos do antes, durante e depois do conflito. Foi mediante essa discussão que pudemos aprofundar o conteúdo e estimular a compreensão dos discentes com relação ao tema.

Passando esse primeiro momento, iniciamos a orientação do laboratório, explanando sobre o objetivo dele, expectativas quanto aos resultados, apresentação dos cartazes e respectivas traduções e, por fim, orientações para uma proveitosa análise histórica, documental, iconográfica e textual adequadas.

Dividimos, então, a análise dos cartazes em três momentos, a saber: histórica e documental, iconográfica e textual. É importante enfatizar a relação constante entre essas três abordagens mencionadas, em que uma não pode ser contemplada sem as demais.

Pastas contendo cartazes produzidos nos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Austrália e Inglaterra foram distribuídas. Cada grupo de alunos ficou com uma pasta, ou seja, ficou responsável pela propaganda de guerra de determinado país. Cada pasta continha quatro cartazes, dos quais os discentes escolheram apenas dois.

A crítica histórica e documental

No que se refere ao nível da crítica histórica e documental, incitamos que o grupo pesquisasse sobre a participação, papel e atuação do país no conflito. Além disso, orientamos que fossem trabalhados o contexto de produção dos cartazes, a função que esses documentos cumpriram ao serem produzidos, a identificação da autoria e produção, a estimativa de data de produção, a circulação e o público-alvo dos cartazes.

Importante dizer que qualquer identificação e resposta a esses pontos mencionados deveriam ser apresentadas com análise e crítica histórica coerente e refinada. Passemos para a explanação dos pontos elencados acima.

A identificação do contexto de produção do documento é condição *sine qua non*, na Arquivologia, para a descrição documental. Esse tipo de abordagem soma muito com a crítica histórica, pois prioriza o contexto administrativo do nascimento do documento. Essa informação, aliada ao contexto histórico, social e cultural da gênese do documento, é elemento riquíssimo para uma investigação histórica.

A historiadora Renata Santos, em “A imagem gravada: a gravura no Rio de Janeiro entre 1808 e 1853”, privilegiou a produção da gravura como fio condutor da análise e história. Aplicando à nossa fonte de estudo, para SANTOS (2008), essa perspectiva possibilita uma visão rica e interessante da construção dos cartazes, que estaria inserida na dinâmica dos processos sociais. Já o contexto, segundo a pesquisadora, “nos remete à complexidade e às nuances das relações sociais (...)” (SANTOS, 2008, p. 31).

A busca pela função que o documento cumpriu, que objetivo teve ao ser produzido e que ação disparou ao ser criado também é de grande valia para uma análise histórica e documental. As nações envolvidas no conflito, ao produzirem e difundirem cartazes como propaganda de guerra, usaram a mensagem iconográfica e textual ao seu favor, como suportes de poder, convencimento, aprovação e adesão social. A identificação da data de produção estimada do cartaz pode ser sugerida, a partir das informações acima.

De igual importância é a identificação da autoria e produção do cartaz. Autor e produtor são coisas distintas. A autoria remete à “designação genérica para quem cria ou elabora um documento.” (Dicionário de terminologia arquivística, 2005, p.40). Já a produção ou entidade produtora de um documento refere-se a uma entidade coletiva, pessoa ou família identificada como geradora de um arquivo (Dicionário de terminologia arquivística, 2005, p.84). Bem dizer, a autoria seria de responsabilidade do artista responsável pela arte do cartaz; já o produtor, a entidade pública ou privada responsável pela encomenda do cartaz, custodiando assim tal documento em seu arquivo institucional.

No que se refere à circulação do cartaz, nosso foco é o público-alvo do documento. Apesar de, naturalmente, ser direcionado ao público geral, cada peça foi criada para atingir um público específico. Nesse caso, é importante questionar para que público específico determinado cartaz teria sido direcionado. Para homens, mulheres, adolescentes e jovens, idosos?

As respostas obtidas, a partir dos pontos e questionamentos acima, deram ao discente-pesquisador a capacidade de desenvolver uma análise histórica rica e cheia de possibilidades para a produção do conhecimento histórico referente à Primeira Guerra Mundial.

A análise iconográfica

Quando tratamos de cartazes como fontes históricas, a imagem é um dos aspectos mais importantes a ser abordado. Personagens, animais, objetos, símbolos e adereços, desenhados e pintados são alvo de

análise; assim como, poses, posturas e posicionamentos. Qual o papel e a função de determinado personagem? Qual o significado da presença de determinado animal como personagem central de um cartaz? Qual o sentido da exposição de objetos, símbolos e determinados adereços na imagem?

A imagem, de acordo com o Dicionário de terminologia arquivística (2005, p.104), é a “representação gráfica, plástica ou fotográfica de seres, objetos ou fatos”. A reunião de espécies documentais, que se assemelham por seus caracteres essenciais, como, por exemplo, o gênero iconográfico, é chamada de gênero documental. Os documentos iconográficos, por assim dizer, são a representação figurada de um objeto.

Não é o caso, nesse artigo, de discutir a iconografia e a iconologia e as diversas propostas metodológicas acerca dessas abordagens. Porém, seguiremos de forma sutil a orientação de Boris Kossoy (1999) sobre o estudo iconográfico, que se resume, basicamente, em reconstituir os elementos visíveis compositores, no nosso caso, do cartaz.

O importante é deixar claro para o aluno que tudo tem um sentido e cumpre um papel e função no processo comunicativo e de persuasão. Poses, gestos e posições dos personagens e objetos também têm sua razão de ser, muitas vezes expondo, conclamando, induzindo, convocando, acusando, apelando etc.

As cores usadas e presentes nos cartazes também são carregadas de sentido e função específica, variando desde exaltar determinada nação até remeter ao sangue derramado durante a guerra.

O cartaz documenta e representa seu contexto por meio desse registro múltiplo: o textual e o iconográfico. Como já afirmado, a abordagem do cartaz como fonte é conexa como vestígio e testemunho de uma época, se levarmos em conta o contexto, gênese e condições de sua produção e os objetivos envolvidos.

A análise textual

A palavra escrita traz inúmeras informações para além do escrito. É com o auxílio do texto presente no cartaz que podemos compreender e analisar as entrelinhas da mensagem nele veiculada. É o conteúdo da mensagem que nos dará pistas sobre o contexto de produção, função, autoria, produção, data de produção, circulação e público-alvo.

Para além do conteúdo, temos que atentar para o tipo de fonte usada, além de cores e destaques usados nas mesmas. O uso de determinadas palavras recorrentes nos cartazes do período mostra a intenção de “capturar o indivíduo, falar apenas a ele, estabelecendo uma relação de cumplicidade e camaradagem com o espectador.” (BERTULUCCE, 2010, p. 324).

O Importante durante a análise é ter em mente que

os criadores do cartaz estão cientes de que a propaganda de guerra é uma linguagem destinada às massas, mas que só funciona se tiver um forte impacto no indivíduo: o êxito de uma mensagem que é transmitida para um grupo de pessoas somente será alcançado quando construir, primeiramente, uma identificação com aquele que o observa nos espaços públicos; o cartaz deve assim falar diretamente com o sujeito, envolvê-lo no conflito, fazendo com ele se sinta participante do mesmo. O consumidor do cartaz – consumidor no sentido mais amplo da palavra – tem de se reconhecer na mensagem que observa; sem este reconhecimento não existe sentido na obra. Não importa a natureza de suas fontes, o cartaz em seu idioma popular deve falar a linguagem do espectador. (BERTULUCCE, 2010, p. 323).

Resultados

Quanto aos efeitos da experiência apresentada, consideramos que foram satisfatórios e animadores,

pois além de resultarem numa profunda análise dos cartazes de guerra, tivemos a produção de textos com grande potencial reflexivo. Os discentes captaram as orientações feitas e buscaram explorar, de forma criativa e concisa, os documentos escolhidos pelo grupo. Percebemos que os alunos não se detiveram apenas à imagem (algo extremamente sedutor), mas captaram a essência da proposta do laboratório e conseguiram enxergar de forma integrada: contexto histórico e documental, imagem e texto.

À medida que íamos explorando os cartazes em sala de aula e nos momentos de orientações extraclasse, notamos a curiosidade e empolgação de alguns grupos pela busca de informações cada vez mais profundas, que pudessem enriquecer o contexto histórico do período e conhecimento sobre o contexto de gênese documental. Alguns realmente perceberam a importância da não fragmentação dessas abordagens, vislumbrando tais fontes de maneira integrada.

Grande parte das experiências de análise foram realizadas com êxito e maestria investigativa. O resultado foi uma análise detalhista, integral e multidisciplinar da imagem, texto e contexto de produção da peça publicitária.

A experiência também proporcionou momentos de integração entre os alunos, debates e, sobretudo, de desmistificação da propaganda e publicidade como algo imparcial, sem intenções e embustes. Os discentes aprenderam a enxergar muito além do que os olhos veem e tal virtude pode ser aplicada nas experiências de vida de cada um.

Importante ressaltar a necessidade de mais tempo para trabalhar exemplos de análise e para orientar o desenvolvimento e a escrita da construção do conhecimento histórico sobre a Primeira Guerra Mundial por intermédio dos cartazes. Infelizmente, o fator tempo ainda não é aliado dos professores da área das humanidades.

O uso de fontes históricas diretas (outrora primárias) para acessar determinado evento e contexto histórico do passado é extremamente excitante, possibilitando o desenvolvimento de momentos de ensino-aprendizagem mais dinâmicos e envolventes, além do aprimoramento de distintas habilidades nos estudantes e o estímulo a novos olhares, abordagens e questionamentos.

[i] Alunos dos cursos de Eletrotécnica, Edificações e Aquicultura.

[ii] Projeto de pesquisa aprovado em Edital 18/2019/Propex/IFS.

[iii] O site www.projetolabhist.com e Instagram @projetolabhist foram desenvolvidos e são alimentados pelos alunos envolvidos no projeto, respectivamente Lilia dos Santos e Antônio José da Silva Filho.

[iv] A Belle Époque foi um período marcado pela aparente estabilidade econômica e política, além de uma época de otimismo, paz e cultura cosmopolita na história da Europa, que teve início no fim do século XIX, com o final da Guerra Franco-Prussiana, em 1871, durando até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

[v] Disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos. Também chamada arquivística (Dicionário de terminologia arquivística, 2005, p. 37).

[vi] “Divisão de gênero documental que reúne tipos documentais por seu formato. São exemplos de espécies documentais ata, carta, decreto, disco, filme, folheto, fotografia, memorando, ofício, planta, relatório.” (Dicionário de terminologia arquivística, 2005, p. 85).

Referências Bibliográficas

ARQUIVO NACIONAL, **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p. Acessado em http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**, vol.I - Princípios e Conceitos Fundamentais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

BERTULUCCE, Vanessa Beatriz. **O uso do cartaz como propaganda de guerra na Europa – 1914-1918**, in Observatorio (OBS*) Journal, vol.4 - nº3 (2010), 319-333.

DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA: Ana Maria de Almeida Camargo ... [et. al.]. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros-Núcleo Regional de São Paulo, 1996.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Moniz BANDEIRA, Luiz Alberto. **Formação do império americano: da guerra contra a Espanha à guerra do Iraque**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PEREIRA, Nilton Mullet; SHEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008.

RESENDE, Livia Lázaro, A Circulação de Imagens no Brasil Oitocentista, in CARDOSO, Rafael (org.) **O design Brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870 1906**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Rodrigues, Luiz Cesar B. **A primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Atual; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

SANTOS, Renata, **A imagem gravada: a gravura no Rio de Janeiro entre 1808 e 1853**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

Sanz, Jesus de Andrés. **Atlas ilustrado de carteles de la guerra civil española**. Espanha: Susaeta, 2010.

[1] Alunos dos cursos de Eletrotécnica, Edificações e Aquicultura.

[1] Projeto de pesquisa aprovado em Edital 18/2019/Propex/IFS.

[1] O site www.projetolabhist.com e Instagram @projetolabhist foram desenvolvidos e são alimentados pelos alunos envolvidos no projeto, respectivamente Lilia dos Santos e Antônio José da Silva Filho.

[1] A Belle Époque foi um período marcado pela aparente estabilidade econômica e política, além de uma época de otimismo, paz e cultura cosmopolita na história da Europa, que teve início no fim do século XIX, com o final da Guerra Franco-Prussiana, em 1871, durando até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

[1] Disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos. Também chamada arquivística (Dicionário de terminologia arquivística, 2005, p. 37).

* Doutora em História Social pela USP. Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – História Ambiental (PRODEMA -UFS). Licenciada em História pela UFS. Membro do GETELL - Grupo de Pesquisa em Estudos de texto, leitura e linguagem (IFS). Professora efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS). Email: lorena.campello@ifs.edu.br. Projeto de pesquisa financiado pela PROPEX/IFS.

* Pesquisadora Jr. (PIBIC-JR) e estudante do curso técnico integrado de Eletrotécnica, IFS, Campus Estância.